

# MUN

FOME E OBESIDADE

## Faces do acesso desigual aos alimentos

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou em março que o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro cresceu 1% em 2017, puxado principalmente pela agropecuária, que teve produção recorde. A alta de 13%, bastante comemorada no setor, deveu-se principalmente ao aumento nas produções de milho (55%) e soja (19%). Com isso, o Brasil contribuiu mais uma vez para um bom desempenho da agricultura mundial. Estimativas da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) apontam que em 2017 a produção mundial de cereais foi da ordem de 2,6 bilhões de toneladas, excluída a produção destinada à alimentação animal, e a produção de carnes foi de cerca de 325 milhões de toneladas.

Dados do documento *Perspectivas Agrícolas 2017-2026*, elaborado pela Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em colaboração com a FAO, apontam que em 2016 a produção mundial da maioria dos cereais, de carne, de produtos lácteos e de peixes atingiu níveis recordes ou próximos disso. Mas apenas os preços das sementes oleaginosas, biodiesel, algodão e peixe tiveram

um modesto aumento com relação aos de 2015; somente o preço do açúcar continuou a crescer.

Com preços baixos e alimentos fartos é de se esperar que a população mundial esteja bem alimentada, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. Com efeito, se em 1990 a fome atingia 32% da população mundial, atualmente afeta 11%.

Ricardo Abramovay, filósofo e professor da Universidade de São Paulo (USP), considera que a redução maciça da fome nos últimos 40 anos é uma das mais importantes vitórias democráticas do mundo contemporâneo. Mas aponta que persistem dois problemas na produção agropecuária: “primeiro, os impactos socioambientais ainda são globalmente preocupantes, com taxas elevadas de desmatamento e de emissões de gases de efeito estufa”, decorrentes da pecuária e da mudança de uso da terra. O segundo, acrescenta Abramovay, refere-se aos modelos de intensificação produtiva “que se apoiam sistematicamente no uso abusivo de antibióticos, na dependência de fertilizantes nitrogenados e no emprego de agrotóxicos nocivos aos consumidores e aos recursos ecossistêmicos dos quais dependemos”.

**CONTRADIÇÕES** Vivemos num mundo paradoxal onde uns precisam emagrecer e outros não comem o suficiente. Ainda que, em 27 anos,

o número de famintos tenha se reduzido em 50%, a fome continua sendo um problema grave. De acordo com dados da FAO, atualmente, mais de 825 milhões de pessoas enfrentam esse flagelo. E mais, dados do informe anual *The State of Food Security and Nutrition in the World 2017* indicam que a fome voltou a crescer em quase todas as regiões do mundo. Ao mesmo tempo, a obesidade na infância e entre adultos não para de avançar, atingindo este ano, segundo a Organização Mundial da Saúde, mais de 700 milhões de pessoas. Apesar de todos os avanços que permitem alcançar produtividades elevadas na agropecuária, muitos países enfrentam também altas taxas de desnutrição infantil e anemia entre mulheres. Ou seja, há alimento, mas o acesso a uma alimentação na quantidade certa e com qualidade está desequilibrada.

Provavelmente por isso o clima na 35ª Conferência Regional da FAO para América Latina e Caribe, que aconteceu na Jamaica, no início de março, com a inédita participação de todos os 33 países membros da região, era de inquietação. A fome voltou a crescer e atinge 6,6% da população da região. Três outras regiões do mundo possuem percentuais mais altos: Oceania (6,8%), Ásia (11,7%) e África (20%). Na nossa região as condições para a agricultura são favorecidas pelo clima, pelas grandes extensões de terras agri-



## Notícias do Mundo

Charge: Ivan Cabral



Alta produção agrícola e redução de preços dos alimentos ainda não solucionaram o problema da fome no planeta

cultáveis em países como Brasil, México e Argentina, e os conflitos quando existem se dão em menor escala.

A obesidade não está necessariamente relacionada à ingestão de alimentos em excesso, mas com a qualidade desses alimentos. Historicamente, a obesidade em adultos era muito menor na África e na Ásia do que em países desenvolvidos. Mas desde 1975 esses índices têm aumentado e, nos últimos dez anos, em ritmo acelerado. Mudanças nos padrões e sistemas alimentares têm provocado aumento do consumo de alimentos processados, muitos dos

quais com altos níveis de gorduras saturadas, sal e açúcares e baixos teores de vitaminas e minerais.

**RELAÇÕES PERIGOSAS** O vídeo-reportagem do jornal *The New York Times* intitulado *Como a grande indústria viciou o Brasil em junk food*, publicado em setembro de 2017 e disponível na internet, aponta que as vendas de alimentos processados por multinacionais do gênero alimentício estão caindo nos países mais ricos e crescendo nos países em desenvolvimento, alterando hábitos alimentares na América Latina, África

e Ásia. Atualmente, dez empresas controlam as centenas de marcas visíveis no comércio. Apenas a Nestlé, maior produtor mundial de café e de leite processados, controla mais de oito mil marcas.

Patrícia Camacho Dias, nutricionista e professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), considera que o aumento da produção de alimentos, *in natura* ou processados, aumentou a oferta, mas “foi responsável também pela concentração de riqueza e de terras, empobrecimento do trabalhador do campo, prejuízo à saúde da população em diferentes níveis, não foi capaz de contribuir para a erradicação da fome e favoreceu o avanço da obesidade e de doenças crônicas não transmissíveis”. Dias afirma que o aumento da obesidade nas camadas mais pobres da população se deve à redução dos preços dos alimentos industrializados e à ampliação das redes de comercialização de alimentos do tipo *fast food*, que possuem uma relação custo, sabor e saciedade mais favorável ao consumo. Na mesma linha, Abramovay concorda que há uma explosão mundial no consumo de alimentos industrializados: “o que está em questão não são problemas tópicos e localizados, ou algumas poucas e inevitáveis externalidades, e sim o sistema agroalimentar global como um todo”.

Leonor Assad